

A SOCIOLINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA- UMA PROPOSTA PARA UM ENSINO APRENDIZAGEM LIVRE DE PRECONCEITOS

Maridelma Laperuta Martins¹

RESUMO: Este ensaio expõe os passos de uma iniciante pesquisa cujo objetivo é desmistificar crenças e atitudes preconceituosas sobre a linguagem, por meio de um trabalho com professores e alunos, a partir de pressupostos teóricos da Teoria Sociolinguística (variação e mudança, homogeneidade e heterogeneidade linguísticas, normas, estigma e prestígio, etc.). Essa pesquisa tem como hipótese que o preconceito linguístico é, na realidade, social – surge na sociedade – mas é somente por meio da escola que pode ser realizado um trabalho de conscientização linguística, que possa amenizar discursos e atitudes preconceituosas sobre a linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: preconceito linguístico, gramática, ensino.

ABSTRACT: This rehearsal exposes the steps of an initiating research, which objective is demystify beliefs and attitudes about language, working with teachers and students based in Sociolinguistics Theory (variation and change, homogeneity and heterogeneity linguistics, norms, stigma, prestige, etc.). The hypothesis of this research is that linguistic prejudice, in spite of emerging in society, can only be fought by means of school.

KEY-WORDS: linguistic prejudice, grammar, teach

¹Professora do Colegiado de Letras do Centro de Educação e Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, campus de Foz do Iguaçu. Graduada em Letras. Mestre em Linguística pela Unesp-Araraquara.

1. Considerações Iniciais

Por mais que já se tenha falado e que as bibliografias sejam muitas sobre o que é preconceito linguístico (BAGNO, 2002), como ele acontece, uma inquietação em relação às suas *origens* e principalmente em uma possibilidade de *neutralizá-lo* tem sido uma constante em minha carreira acadêmica. Neste ensaio, gostaria de discorrer um pouco a respeito dessa inquietação que vem aumentando, já há algum tempo, considerando um referencial teórico predominantemente sociolinguístico, além de falar sobre conceitos e ensino de *gramática*, a metalinguagem no ensino de língua portuguesa, os vários tipos de *norma* e motivos por que ainda há um ensino que reforça e enaltece o preconceito linguístico. Ressalto que este texto fará parte da tese que encerrará uma pesquisa cujo objetivo é constatar o preconceito linguístico na fala de alunos e professores de Ensino Fundamental (E.F.) (CYRANKA, 2007) e propor uma sequência didática com objetivo de reverter os *conceitos pré concebidos* sobre a linguagem desses professores e alunos.

2. Discussão e o desdobramento da pesquisa

Esta pesquisa justifica-se quando trato de alguns pontos de minha inquietação como docente de ensino superior de língua materna que traduzo em fatos de meu cotidiano escolar, apontando-os a seguir.

Em primeiro lugar, o desejo que os alunos de graduação têm de saber, conhecer, dominar, entender *gramática normativa*. Todos (sem exceção) que por mim passaram, durante sete anos de atuação no curso de Letras, querem aulas de gramática para *aprender bem o português, para falar e escrever corretamente, para se comunicar melhor, porque não sabem português, ou para conseguir entender essa língua tão difícil*.

Sabemos que é extensa a bibliografia que aborda direta ou indiretamente as definições de *gramática*. Possenti (1996), Travaglia (1997), (2003), Neves (1990, 2003, 2006), entre muitos outros, trazem valiosas contribuições, já há algum tempo, sobre tipos e definições de gramáticas, sobre como trabalhar gramática na escola e as inutilidades de um ensino *gramatiquero*.

Além dessas aspirações por *saber gramática*, ocorre, por

parte de esses mesmos alunos, uma resistência em aceitar (e talvez até entender) conceitos da Sociolinguística que desmistificam suas idéias. Autores como Weinrich, Labov e Herzog (1968) (que, como o próprio título do livro explicita, vão mostrar a existência de uma fundamentação empírica para a teoria de mudança linguística); Fonseca e Neves (1974); Trudgill (1974) e Labov (1972) são exemplos de textos introdutórios da área que sequer são conhecidos dessa comunidade de alunos (futuros professores). Como diz Neves (2003:53): “Um conhecimento mínimo das descobertas da Sociolinguística, uma noção mínima dos conceitos de variação e mudança bastam para alijar das obras gramaticais a colocação explícita de preconceitos contra a modernitas”. Existe, entre eles, a confusão entre definições de *gramática normativa* e de *língua*; a dificuldade em aceitar a existência de várias gramáticas, inclusive a internalizada; e, o ponto crucial, a dificuldade em enxergar as implicações de conceitos como esses no ensino de língua portuguesa para o ensino fundamental (E.F.) e até mesmo ensino médio (E.M).

Um outro ponto de inquietação que tem me instigado é o (quase) desconhecimento de professores de E.F. e E.M. sobre esses conceitos da Sociolinguística e a também resistência dos mesmos em aceitá-la como uma *ferramenta*, uma base teórica importante para suas aulas. Isso é possível perceber nos cursos de formação continuada (meio de contato que tenho tido com esses professores) que ministro a eles todos os anos (desde 2003) e, todos os anos, são praticamente os mesmos professores e, todos os anos, percebo o mesmo desconhecimento sobre questões que considero vitais e a mesma resistência por esses conceitos.

Mariani (2008) escreve interessante artigo – na revista *Caderno de Letras da UFF*, dossiê *Preconceito Linguístico e Cânone Literário* – em que postula a origem do preconceito que os falantes brasileiros têm sobre sua própria língua (materna). Ela propõe a questão: “*como é possível introjetar, ou melhor, naturalizar uma visão preconceituosa com relação ao próprio modo de falar?*” (MARIANI, 2008:30) (grifo meu). E a responde dizendo que: “Tal crença, ou suposição... e tal internalização foram possíveis em função de uma *tradição legitimadora*... de uma determinada forma de falar em detrimento de outra” (MARIANI, 2008:31) (grifo meu).

Maridelma Laperuta Martins

Oliveira (2008), em artigo nessa mesma revista, também postula que esse pensamento sobre existência de desempenhos linguísticos superiores e inferiores está na origem da própria sociedade:

e na sua híbrida formação étnico-cultural; está nas profundas distinções socioeconômicas que nos caracterizam; está na diversidade geográfica nacional com usas cores locais e dialetos; está na presença de estrangeirismos, como marcas da globalização, enfim, está por toda a parte (OLIVEIRA, 2008: 116)

A isso se refere o terceiro e último ponto de inquietação de minha parte (esse carrego há mais tempo, desde que iniciei meus estudos sociolinguísticos): ao indivíduo que não tem contato com linguística, não é professor nem aluno, apenas passou pela escola, formou-se e não *admite certos erros de português* (mesmo sabendo, admitindo, que ele mesmo *não fala português corretamente*). Os comentários de pessoas com essas crenças podem ser vistos nos meios de comunicação e, atualmente, muito mais em meio eletrônico, como páginas da internet, sites de relacionamento (como o *orkut*), etc; além das colunas de jornais e na própria televisão. O arcabouço bibliográfico sobre esse assunto é imenso. Por um lado, há os consultórios gramaticais, *gramatiqueros*, personalidades conhecidas na mídia e admiradas pela população em geral por *saberem bem o português*. Ao lado desses, pessoas comuns, com boa escolaridade (médicos, jornalistas, engenheiros, dentistas, arquitetos, advogados, etc.), que defendem a integridade da língua em colunas de jornais impressos e também na internet. De outro lado, muito timidamente, estão os pesquisadores da linguagem que, de vez em quando, escrevem para um jornal ou revista, criticando e tentando mostrar as origens de uma expressão considerada errada, ou justificar o emprego de um termo inaceitável pelas pessoas. Ao lado desses, ninguém! Segundo Chambers, *apud* Roncarat (2008):

...as forças que prestigiam a variante standard são mais cristalinas: a academia e as gramáticas tradicionais proscrevem usos mais coloquiais ... pais de classe media defendem uma boa linguagem; professores corrigem o uso dos alunos; cartas ao editor deploram usos não prescritos; um falante desculpa-se pelo seu modo de falar errado ou por erros de ortografia ou gramática; não se reclama da hipercorreção na mídia ou da uniformidade de sotaque entre locutores de telejornais. *Mas as pressões sociais que defendem a variante não Stan-*

dard não têm lobistas identificáveis (RONCARAT, 2008:51). (grifo meu)

Essa é a maior das minhas angústias². Apesar de todos os problemas por que passa a escola, ela é a única instituição por meio da qual é possível divulgar, propagar idéias não preconceituosas sobre a linguagem. Fora dela, não há como fazer isso: *Essa impossibilidade de fazer chegar às massas, à população em geral, conceitos da Sociolinguística contra o preconceito linguístico é minha maior inquietação*. A origem do preconceito está na sociedade e não na escola, mas é apenas por meio dela que se consegue/tenta fazer alguma coisa contra ele.

Tenho percebido que tanto os acadêmicos de cursos de graduação em Letras, como os professores de língua portuguesa, que adquirem certo conhecimento (superficial) da Sociolinguística, têm em comum uma grande dificuldade em transpor essa teoria para sua aplicação em sala de aula: *concordo que quem deve refletir sobre o fenômeno de variação linguística é o linguista. O problema é que quem ensina língua portuguesa (que é o nosso caso) nas escolas, é o simples professor e não o linguista. Assim, o professor não reflete sobre essas coisas apenas se limita à atitude prescritivista*³. Trata-se do pensamento de um graduando prestes a se formar e iniciar (teoricamente) sua profissão. Ele já sabe, já consegue perceber que existe uma certa (grande!) distância entre as teorias linguísticas que lhe são expostas na faculdade e a realidade do professor em sala de aula. Em várias das discussões, feitas em sala de aula, uma solicitação dos alunos é constante: COMO fazer isso, professora?

Na opinião de Cyranka (2007), há um motivo para os professores de educação básica ainda trabalharem com atividades de língua portuguesa que não correspondem às expectativas geradas pelas teorias recentes em linguística:

...hoje, uma parcela considerável desses professores entende a necessidade de mudar as perspectivas de seu trabalho com a educação em língua materna, mas a transição da teoria para a prática ainda gera desconfortável sensação de incompetência projetada na resis-

² Uso esse termo porque tenho recorrido a ele, em minhas aulas, sempre que surgem questões que não podem ser respondidas de prontidão, mesmo que ele possa parecer subjetivo demais para um texto científico como este.

³ Resposta de um aluno do 4º ano do curso de Letras (2009) – UNIOESTE (campus Foz do Iguaçu), a uma pergunta feita em uma avaliação da disciplina optativa nomeada GRAMÁTICAS: DESCRIÇÃO, NORMA E USO, por mim ministrada.

Maridelma Laperuta Martins

tência da parte de muitos, resistência essa que, entre outros fatores pode levar à cristalização de metodologias estéreis do ponto de vista do conhecimento da competência comunicativa dos alunos (CYRANKA, 2007:12)

Esse fragmento, assim como a fala do aluno acima descrita, parece justificar o modo como são ainda trabalhadas essas aulas. Na verdade, atualmente, grande parte desses professores quer assumir essas mudanças de paradigma, mas não sabe como, *de fato*, fazer acontecer essa passagem da teoria para a prática.

3. O Referencial Teórico

Proporcional ao fato de esses professores não saberem como aplicar a teoria à prática, existe uma extensa bibliografia que se propõe a ajudá-los nessa tarefa⁴.

Os trabalhos de Bagno (2001; 2007) são obras que até poderiam ser consideradas didáticas em virtude de como orientam o professor a planejar e trabalhar com pressupostos da Sociolinguística em sala de aula. No primeiro livro citado (*Português ou Brasileiro*), o autor propõe passos de um trabalho com pesquisa linguística para o professor executar com os alunos, cujo objetivo é compreender a existência das variedades linguísticas, inclusive na variedade considerada culta e que variedade culta não corresponde à norma padrão. No livro de 2007, Bagno, além de apresentar e discutir os principais conceitos da Sociolinguística, propõe atividades práticas para o tratamento da variação em sala de aula, o que lhe confere um caráter *assumidamente didático*.

Outra autora que merece destaque, sem dúvida, é Bortoni-Ricardo (2004, 2005). Segundo palavras de Bagno (2007:236): “esse livro (*Educação em Língua Materna: a Sociolinguística em Sala de Aula*, de 2004) de Stella Maris é um esforço bem sucedido de aplicar a Sociolinguística à prática da sala de aula”. A autora é pioneira no Brasil neste campo da ação e reflexão.

Além desses, não podemos deixar de citar as obras de Rosa Virgínia Matos e Silva que merecem ser lembradas por

⁴Por questão de espaço, não discorrerei sobre todos os autores elencados que versam sobre o tema, restringindo-me apenas a alguns.

discutirem e atualizarem amplamente questões como *normas linguísticas*⁵ (Silva, 2000) e ratificarem descobertas da nossa gramática brasileira.

Ainda falando sobre a questão da *norma*, Faraco (2008) aponta não apenas definições precisas de norma, mas relaciona a norma com questões gramaticais e vai além, relacionando-a, também com a sociedade em que se insere.

Com relação ao ensino de gramática, Irlandé Antunes (2007) compôs *Muito além da gramática*. Com esse texto, a autora tem intenção de fazer chegar até o cidadão comum (e não apenas aos professores de língua portuguesa) uma compreensão mais ampla do que sejam as questões linguísticas, mais prática do que sejam os usos da linguagem e mais científica do que seja o ensino de gramática.

Trabalhos como os de Luft (1985), Perini (1986, 1997), Possenti (1996) mostram que essa discussão sobre o ensino de gramática na escola é antiga. Mostram que as pesquisas sobre o tema estão adiantadas e que existe vasto material bibliográfico à disposição para a consulta do professor interessado em atualizar seus conhecimentos sobre o assunto e modificar suas aulas, transformando sua realidade linguística e de seus alunos, no que se refere a conceitos sobre linguagem. E, ainda, mostram como há estudos, material bibliográfico à disposição para o:

... profissional ligado ao campo da linguagem (por exemplo, o professor – ou o futuro professor – responsável pelo direcionamento do trabalho com a gramática da língua) e o aluno, mas também, em geral, o falante comum, pois a comunidade é a beneficiária primeira e última da ação escolar (NEVES, 2003:12).

Além dessas ricas referências e, falando especificamente sobre a questão do preconceito, não posso deixar de citar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Nesses, podemos constatar a *legislação* sobre a necessidade de considerar as variedades do português falado e escrito.

Apesar da referência bibliográfica acima citada (material de excelente qualidade, fruto de grandes pesquisas e que, obviamente, não encerram o tema), que discorre sobre o ensino de língua portuguesa, dando ênfase à questão da gramática, sob a luz de teorias linguísticas atuais e contra o preconceito

⁵ Cf. Coseriu (1967)

linguístico, ainda não é possível conferir um trabalho na escola que condiga com isso tudo. Minha pergunta final: *Por quê?* Por que com tantas propostas de ensino epilinguístico, com tantas propostas de ensino de gramática sob uma perspectiva não apenas normativa, considerando-se as variantes linguísticas, com tantos livros que abordam a questão do preconceito linguístico à luz de teorias científicas da linguagem, como a Sociolinguística, explicando devidamente as razões linguísticas e sociais de um falante optar (inconscientemente) por uma determinada variante e não outra, enfim, qual o motivo de ainda não serem conhecidas outras gramáticas que não a normativa, na escola, de se estigmatizarem determinadas variantes e de a noção de erro ainda ser categórica na escola?

4. Considerações finais

Com essas indagações, encerro este ensaio, explicitando que está sendo realizada uma pesquisa científica, que, como afirmei, no início, pretende investigar/comprovar atitudes e crenças linguísticas de professores e alunos de E.F. de escolas públicas de Foz do Iguaçu-PR, além de, o que é o mais importante, propor/compor, junto aos professores investigados, uma sequência de atividades de ensino completamente voltadas para: 1. o conhecimento dos pressupostos da teoria da variação linguística pelos professores e alunos e, como consequência: 2. o conhecimento e uso das várias gramáticas. A aplicação dessas atividades pelos professores e execução das mesmas pelos alunos vai nos trazer resultados que julgamos positivos com relação à desmistificação do preconceito linguístico existente. Imagino que um trabalho que se proponha incisivo junto aos professores e alunos e que não se abrevie a leituras dos resultados das pesquisas já realizadas sobre o assunto seja eficaz para o objetivo pretendido: “que pessoas em posição de dependência, desvantagem ou exclusão social se libertem de uma postura meramente receptiva e consigam formular mudanças desejadas, metas individuais e coletivas ... para promover a independência, a igualdade e a integração social”⁶.

⁶Texto constante da página de abertura do 6.º Congresso da Associação de Linguística Sistemática Funcional da América Latina: <http://www.6alsfal-uece.com.br/principal.html> (acesso em 03/11/2010)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irlandé. **Muito além da gramática** – por um ensino sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2001.

_____. **Preconceito linguístico** – o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 14. ed., 2002.

_____. **Nada na língua é por acaso** – por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna** – a sociolingüística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Nos chegemo na escola, e agora?** Sociolingüística e educação. S.P.: Parábola, 2005.

COSERIU, Eugenio. *Sistema, norma y habla*. In: **Teoria del language y linguística general**. 2. ed. Madrid, Gregos, 1967.

CYRANKA, Lucia Furtado Mendonça. *Atitudes linguísticas de alunos de escolas publicas de Juiz de Fora-MG*. **Tese de Doutorado**. UFF – Niterói, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (orgs.) **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1974.

LABOV, Willian. **Sociolingüistic patterns**. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade** – o gigolô das palavras – por uma nova concepção da língua materna. São Paulo: L&PM Editores, 1985.

MARIANI, Bethânia. *Entre a evidência e o absurdo*: sobre o preconceito lingüístico. In: **Cadernos de letras da UFF** – preconceito linguístico e cânone literário, 36. p. 27-44, 2008

NEVES, Maria Helena Moura. **Gramática na escola**. SP: Contexto, 1990.

_____. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na

Maridelma Laperuta Martins

língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Texto e gramática**. S.P.: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de. *Preconceito lingüístico, variação e o papel da universidade*. In: **Cadernos de letras da UFF** – preconceito lingüístico e cânone literário, 36. p. 115 - 129, 2008

PERINI, Mário. **Para uma nova gramática do português brasileiro**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Sofrendo a gramática**. São Paulo: Ática, 1997.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola?** Campinas: Mercado das Letras, 1996.

RONCARATI, Claudia. *Prestígio e preconceito lingüísticos*. In: **Cadernos de letras da UFF** – preconceito lingüístico e cânone literário, 36. p. 45 - 56, 2008

SILVA, Rosa Virginia Mattos. **Contradições no ensino de português** – Uma língua diversos falares, o papel da escola diante da norma, norma padrão, normas sociais. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática padrão: suas bases e ampliação das mesmas* In: **Língua e linguagem em questão**. 1ª ed. Rio de Janeiro : EdUERJ, 1997.

_____. **Gramática e interação** – uma proposta para o ensino de gramática. 9. ed. S.P.: Cortez, 2003.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics: an introduction**. Great Britain, Pengu Books, 1974.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Empirical foundations for a theory of language change*. In: Lehmann, W. e Malkiel, Y. ed. **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press: 1968.